

Referendo Britânico

Um argumento conservador para sair

Há semanas que tenho vindo a lutar com a decisão mais difícil da minha vida política. Mas tomar decisões difíceis é aquilo para o qual os políticos são pagos. Ninguém é forçado a candidatar-se ao Parlamento, ninguém é obrigado a tornar-se ministro.

TRADUZIDO POR **Raquel Duque**

Ao assumir esses papéis, que são grandes privilégios, também se assumem grandes responsabilidades. Fui encorajado a candidatar-me ao Parlamento por David Cameron, e ele deu-me a oportunidade de servir naquilo que eu acredito ser um grande Governo reformador. Eu acho que ele é um excelente primeiro-ministro. Só existe, tanto quanto posso ver, um único assunto importante sobre o qual discordámos.

E esse é o futuro do Reino Unido na União Europeia.

É doloroso para mim ter de discordar do primeiro-ministro sobre qualquer assunto. O meu instinto é apoiá-los nos bons e nos maus momentos.

Mas eu não posso furtar-me da escolha que o primeiro-ministro deu a



POR
Michael Gove

Ministro da
Justiça britânico;
Líder da Campanha
Vote Leave

cada um de nós. No prazo de poucos meses todos teremos a oportunidade de decidir se a Grã-Bretanha deve ficar na União Europeia ou sair. Acredito que o nosso país seria mais livre, mais justo e melhor fora da UE. E se, neste momento de decisão, eu não dissesse aquilo em que acredito, não seria fiel às minhas convicções ou ao meu país.

Não quero retirar nada aos esforços do primeiro-ministro dedicados a obter um acordo melhor para a Grã-Bretanha. Ele tem negociado com coragem e tena-

cidade. Mas penso que a Grã-Bretanha seria mais forte fora da UE.

O meu ponto de partida é simples. Acredito que as decisões que regem todas as nossas vidas, as leis que todos devemos obedecer e os impostos que todos devemos pagar devem ser decididas pelas pessoas que escolhemos e que podemos expulsar se quisermos mudança. Se o poder é para ser usado com sabedoria, se devemos evitar a corrupção e a complacência em altos cargos, então o público deve ter o direito de mudar as leis e os governos na altura de eleições. Mas a nossa adesão à União Europeia impede-nos de sermos capazes de mudar enormes partes da lei e de escolher quem toma decisões críticas que afetam as nossas vidas.

As leis que regem os cidadãos neste país são decididas por políticos de outras nações que, nunca elegemos e não podemos expulsar. Podemos levar a nossa ira aos representantes eleitos em Westmins-

ter, mas quem quer que esteja no governo em Londres não pode eliminar ou reduzir o IVA, não pode apoiar uma fábrica de aço em tempos difíceis, não pode construir as casas que precisamos onde elas são necessárias e não pode deportar todos os indivíduos que não deveriam estar neste país.

Acredito que isto precisa de mudar. E acredito que tanto as lições do nosso passado como a forma do futuro tornam convincente o argumento para a mudança.

A capacidade para escolher quem nos governa e a liberdade de mudar as leis que não gostamos foram nas garantidas pelos radicais e liberais que tomaram o poder das elites irresponsáveis e o colocaram nas mãos do povo. Como resultado dos seus esforços nós desenvolvemos, e exportámos para nações como os EUA, Índia, Canadá e Austrália, um sistema de autogoverno democrático que trouxe prosperidade e paz a milhões de pessoas.

A nossa democracia passou o teste do tempo. Nós mostrámos ao mundo o que um povo livre pode alcançar se for autorizado a governar-se a si próprio.

Na Grã-Bretanha estabelecemos o julgamento por júri no mundo moderno, constituímos o primeiro parlamento livre, assegurámos que ninguém pode ser detido arbitrariamente por ordem do governo, forçámos os nossos governantes a reconhecer que eles governam por consentimento, não por direito, levámos o mundo a abolir a escravatura, estabelecemos a educação livre para todos, a segurança social, o Serviço Nacional de Saúde e uma emissora nacional respeitada em todo o mundo.

Em contraste, a União Europeia, apesar do idealismo indubitável dos seus fundadores e das boas intenções de tantos dos seus líderes, revelou-se um falhanço em muitas frentes. O euro criou miséria económica aos povos mais pobres da Europa. A regulamentação da União Europeia entrincheirou o desemprego em massa. As políticas de imigração da UE encorajaram traficantes de pessoas e criaram campos de refugiados desesperados nas nossas fronteiras.

Longe de proporcionar segurança num mundo incerto, as políticas da UE tornaram-se a fonte de instabilidade e insegurança. O arame farpado atravessa uma vez mais o continente, tensões históricas entre nações como a Grécia e a Alemanha ressurgiram de forma feia e a UE está a demonstrar-se



Em contraste, a União Europeia, apesar do idealismo indubitável dos seus fundadores e das boas intenções de tantos dos seus líderes, revelou-se um falhanço em muitas frentes

incapaz de lidar com as crises atuais na Líbia e na Síria.

O anterior líder da Interpol diz que a política de fronteiras internas da UE é “como pendurar um letreiro a dar as boas-vindas aos terroristas à Europa” e as nações escandinavas que outra se orgulhavam da sua abertura estão agora a voltar-se sobre si mesmas. Todos estes fatores, conjugados com a raiva popular e a falta de responsabilização política, têm encorajado o extremismo, ao ponto de os partidos de extrema-direita estarem mais fortes em todo o continente do que em qualquer momento desde os anos 1930.

A UE é uma instituição enraizada no passado e está a revelar-se incapaz de se reformar para enfrentar os desafios tecnológicos, demográficos e económicos do nosso tempo. Foi desenvolvida nos anos 1950 e 1960 e tal como outras instituições que pareciam modernas na altura, de blocos de torres a telexes, agora está irremediavelmente fora de prazo. A UE tenta padronizar e regulamentar em vez de encorajar a diversidade e a inovação. É uma união analógica numa era digital.

A UE está construída para manter o poder e o controlo com as elites em vez do povo. Mesmo que estejamos fora do Euro continuamos sujeitos a uma Comissão Europeia não eleita que está a gerar novas leis todos os dias, e a um Tribunal Europeu no Luxemburgo não sujeito a controlo que está a ampliar a sua abrangência todas as

semanas, usando cada vez mais a Carta dos Direitos Fundamentais, que em muitos aspetos concede à UE mais poder e alcance do que nunca.

Esta crescente burocracia da UE entrava-nos em todas as áreas. As normas da UE ditam tudo, desde o tamanho máximo dos recipientes nos quais o azeite deve ser vendido (cinco litros) à distância a que as casas devem estar das charnecas para prevenir os gatos de caçarem pássaros (cinco quilómetros).

Individualmente estas normas podem ser cómicas. Coletivamente, e há dezenas de milhares delas, são hostis à criatividade, crescimento e progresso. Normas como a diretiva relativa aos ensaios clínicos abrandaram a criação de novos medicamentos para curar doenças terríveis e os acórdãos do TEJ [Tribunal Europeu de Justiça] sobre questões de proteção de dados impedem o crescimento das empresas de internet. Como ministro eu vi centenas de novas normas europeias na minha secretária, nenhuma das quais foi solicitada pelo Parlamento britânico, nenhuma das quais podia ser alterada, de forma alguma, por mim ou por qualquer outro político britânico, e nenhuma das quais nos tornou mais livres, mais ricos ou mais justos.

É difícil exagerar o grau em que a UE é uma restrição à capacidade dos ministros fazerem as coisas para as quais foram eleitos, ou de usarem o seu julgamento sobre o curso de ação correto para as pessoas do seu país. Há muito tempo que tinha preocupações sobre a nossa adesão à UE, mas a experiência de governo apenas aprofundou a minha convicção de que precisamos de mudança.

Cada dia é dito a cada ministro: “Sim, Senhor Ministro, eu compreendo, mas temo que isso seja contra as normas europeias”. Eu sei. Os meus colegas no governo sabem. E o povo britânico precisa de saber também: o vosso governo não tem, em última instância, o controlo sobre centenas de áreas que importam.

Mas ao sair da UE nós podemos ganhar controlo. Na verdade, podemos mostrar ao resto da Europa a forma de florescer. Em vez de resmungar e reclamar sobre as coisas que não podemos mudar e de desenvolver ressentimentos e rancores, nós podemos moldar uma alternativa ao caminho descendente da UE; otimista, voltada para o futuro.

ro e genuinamente internacionalista. Podemos mostrar liderança. Como os norte-americanos que declararam a sua independência e nunca olharam para trás, nós podemos tornar-nos num modelo do que pode alcançar uma democracia inclusiva, aberta e inovadora.

Podemos recuperar os milhares de milhões que demos à UE, o dinheiro que é delapidado em grandes edifícios parlamentares e loucuras burocráticas e investi-lo em ciência e tecnologia, escolas e aprendizagens. Podemos livrar-nos dos regulamentos que os grandes negócios usam para esmagar a concorrência e, ao invés, apoiar

novos negócios de start-up e talento criativo. Podemos incentivar acordos comerciais e parcerias com nações em todo o globo, ajudando países em desenvolvimento a crescer e beneficiando de um acesso mais rápido e melhor a novos mercados.

Somos a quinta maior economia do mundo, com as melhores forças armadas de qualquer nação, mais Prémios Nobel e mais universidades líderes-mundiais do que qualquer país europeu. A nossa economia é mais dinâmica do que a Zona Euro, temos a capital mais atrativa do globo, o melhor “soft power” e influência global do que qualquer Estado, e um

papel de liderança na NATO e na ONU.

Será que somos realmente demasiado pequenos, demasiado fracos e demasiado impotentes para fazer do autogoverno um sucesso? Pelo contrário, a razão pela qual os burocratas da UE se opõem à nossa saída é o seu medo de que o nosso sucesso fora vá apenas sublinhar a escala do seu falhanço.

Esta oportunidade pode nunca mais surgir novamente nas nossas vidas, por isso é que vou ser fiel aos meus princípios e aproveitar a oportunidade que este referendo oferece para deixar uma UE mergulhada no passado e abraçar um futuro melhor. ■

Um argumento conservador para ficar

O lado do *Brexit* quer riscar décadas de paz e prosperidade reais para atingir um futuro cheio de estadistas racionais implausíveis/inverosímeis

TRADUZIDO POR **Raquel Duque**

Abro uma pasta empoeirada e olho para os meus artigos amarelecidos do Spectator da Polónia, Alemanha e Rússia nos dramáticos anos 1980. E cá está um de Bruxelas em 1986 a sugerir que a Grã-Bretanha estava na procura da definação do seu papel na Comunidade Europeia. Ha ha. Nessa altura, Charles Moore era o editor da revista e eu o editor internacional. Embora ele partilhasse a minha paixão pela libertação da Europa de Leste, à medida que nos tornávamos cada vez mais insatisfeitos com a Comunidade Europeia ocidental, ele deixou-me argumentar em sua defesa. Agora, 30 anos depois, o Charles e eu



POR **Timothy Garton Ash**

Professor de Estudos Europeus da Universidade de Oxford (St. Antony's College) Senior Fellow

posicionamo-nos em lados diferentes de um argumento nacional histórico.

Isto contribui para uma inversão de papéis curiosa. Sou um liberal (“l” minúsculo) de longa data, mas o meu argumento para a permanência na UE é fundamentalmente conservador (“c”

minúsculo). Baseia-se numa visão pessimista da natureza humana, em geral, e da Europa, em particular.

Pelo contrário, aqueles que — como o Charles — querem a saída da UE, argumentam a partir de uma visão otimista de um futuro alternativo, no qual o interesse próprio racional faz com que o resto da Europa, e o resto do mundo, ofereça condições favoráveis a uma Grã-Bretanha independente, dinâmica e rejuvenescida. É claro que a UE nos dará acesso fácil ao mercado único! Eles devem querer exportar para nós os seus BMWs. É claro que os EUA e a China farão acordos de livre comércio com a Grã-Bretanha como têm com a UE! Esta forma de pensar, profundamente não-Burkeana, base-